

TURISMO RURAL E EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA: UM ESTUDO DE CASO COM MULHERES DO CAMPO NA REGIÃO DE TOLEDO - PR

Ana Gabriela Siebert Rosler¹

Carla Maria Schmidt²

Patrícia Biesdorf³

Luciana Dourado⁴

Resumo:

A transformação do espaço rural brasileiro nas últimas décadas tem sido marcada pela inserção de mulheres, de modo que algumas delas têm buscado atuar em setores como o turismo rural. Nesse sentido, este estudo teve como objetivos: a) investigar o processo de capacitação realizado pelo Projeto de Extensão denominado "Empoderando Mulheres do Campo", identificando as etapas e metodologias utilizadas nessa formação empreendedora; b) avaliar a contribuição dessa formação empreendedora, conforme as percepções das mulheres participantes. Para tanto, utilizou-se uma abordagem qualitativa e descritiva, com coleta de dados via questionário aplicado a 20 mulheres e análise de conteúdo para interpretação dos dados. Os resultados mostraram que a capacitação fortaleceu habilidades de gestão e liderança, promoveu a diversificação econômica local e valorizou o papel feminino no meio rural. As participantes destacaram melhorias na organização, confiança e eficiência em seus negócios. Apesar de avanços significativos, persistem desafios, como acesso a recursos financeiros. Conclui-se que iniciativas como o referido projeto contribuem de forma efetiva para a geração de renda dessas famílias, para a manutenção dos filhos no campo e ainda, para a segurança alimentar de todos os envolvidos, recomendando-se o investimento nessas iniciativas para o empoderamento de mulheres do campo e fortalecimento da agricultura familiar.

Palavras-chave: Formação empreendedora; Mulheres no Campo; Turismo rural.

RURAL TOURISM AND ENTREPRENEURSHIP EDUCATION: A CASE STUDY WITH RURAL WOMEN IN THE TOLEDO REGION – PR

Abstract:

The transformation of rural areas in Brazil in recent decades has been marked by the inclusion of women, so that some of them have sought to work in sectors such as rural tourism. In this sense, this study had the following objectives: a) to investigate the training process carried out by the Extension Project called "Empowering Rural Women", identifying the stages and methodologies used in this entrepreneurial training; b) to evaluate the contribution of this entrepreneurial training, according to the perceptions of the participating women. To this end, a qualitative and descriptive approach was used, with data collection via a questionnaire applied to 20 women and content analysis for data interpretation. The results showed that the training strengthened management and leadership skills, promoted local economic diversification and valued the role of women in rural areas. Participants highlighted improvements in organization, confidence and efficiency in their businesses. Despite significant progress, challenges persist, such as access to financial resources. It is concluded that initiatives such as the aforementioned project contribute effectively to the generation of income for these families, to the maintenance of their children in the countryside and also to the food security of all involved, recommending investment in these initiatives to empower rural women and strengthen family farming.

Keywords: Entrepreneurial training; Women in the countryside; Rural tourism.

¹ Acadêmica de Secretariado Executivo Trilíngue pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE. E-mail: ana.rosler@unioeste.br.

² Pós-doutora pela FURB (2014). Doutora em Administração pela FEA/USP - Universidade de São Paulo (2010). Mestre em Administração pela FURB (2006). Possui Graduação em Secretariado Executivo pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2003). Atualmente é Professora Associada da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, atuando no Curso de Secretariado Executivo Trilíngue. Líder do Grupo de Pesquisa GPSEB. Coordenadora do Núcleo de Estudos e Práticas Inovadoras em Secretariado (NEPIS). E-mail: carlamariaschmidt@hotmail.com.

³ Graduada em Secretariado Executivo Trilíngue pela Universidade Estadual do Paraná (UNIOESTE). E-mail: pbiesdorfl@gmail.com.

⁴ Graduada em Secretariado Executivo Trilíngue pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). E-mail: lucyana_5603@hotmail.com.

1. INTRODUÇÃO

Historicamente, o Brasil tem uma forte ligação com a agricultura, desde o período colonial com a produção de açúcar, passando pela era do café, até a diversificação agrícola moderna, resultando em um crescimento no desenvolvimento econômico e social do país (Lamas, 2023). O avanço tecnológico e a modernização das práticas agrícolas transformaram o Brasil em um dos principais produtores e exportadores globais (Calil e Ribera, 2019).

Segundo Maia, Gielda e Maia (2019), o setor agrícola desempenha um papel na superação da crise econômica atual e na redução das taxas de desemprego. Além disso, é notável o crescimento do número de pessoas que veem nesta área uma oportunidade valiosa para melhorar suas condições de vida.

A transformação do espaço rural brasileiro nas últimas décadas tem sido marcada por uma evolução significativa na inserção e valorização das mulheres, que transcende os tradicionais papéis de trabalho na agricultura. Enquanto muitas mulheres continuam a ser agricultoras de subsistência, pequenas produtoras e trabalhadoras em agroindústrias, outras têm buscado atuar em setores como educação, turismo e serviços domésticos (International Labour Organization, 2019). Esta diversificação evidencia uma mudança substancial nas dinâmicas sociais e econômicas do campo, onde o papel feminino se expande além das fronteiras agrícolas para influenciar e liderar em várias áreas da economia rural.

A promoção da educação de qualidade e a redução das desigualdades emergem como pilares para o desenvolvimento sustentável no meio rural. Nesse sentido, o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 4 (ODS 4 - Educação de Qualidade) busca assegurar a educação inclusiva, equitativa e de qualidade e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos (ONU, 2015). Paralelamente, o ODS 10 – Redução das Desigualdades visa reduzir as desigualdades dentro dos países e entre eles, focando na promoção da inserção social, econômica e política de todos, independentemente de idade, gênero, deficiência, raça, etnia, entre outros (ONU, 2015). Além disso, o ODS 5 – Igualdade de Gênero tem como objetivo alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas (ONU, 2015). A integração desses objetivos é essencial para promover um desenvolvimento rural inclusivo. Ao assegurar uma educação de qualidade, busca-se a redução das desigualdades e promoção da igualdade de gênero.

Diante desse cenário, desde 2022, o Curso de Secretariado Executivo Trilíngue da Unioeste, localizado no Campus de Toledo, oferta um Projeto de Extensão denominado "Empoderando Mulheres do Campo: capacitação para gestão e liderança em empreendimentos de turismo rural sustentável". Esse projeto visa proporcionar treinamento em gestão e liderança para mulheres envolvidas em negócios de turismo rural. As participantes do projeto receberam capacitação em várias áreas essenciais, incluindo: empreendedorismo feminino, liderança, turismo rural, cooperação, além de planejamento e gestão (Biesdorf; Schmidt; Cielo, 2024). Essa iniciativa está alinhada com as ODS 04, 05 e 10, ao promover educação inclusiva e reduzir as desigualdades de gênero no meio rural.

Nesse contexto, este estudo tem como objetivos: a) investigar o processo de capacitação realizado pelo projeto, identificando as etapas e metodologias utilizadas nessa formação empreendedora; b) avaliar a contribuição dessa formação empreendedora, conforme as percepções das mulheres participantes.

O projeto busca oferecer uma formação que vai além do conhecimento técnico, integrando também o desenvolvimento de competências empreendedoras que, como destaca Dornelas (2001), podem ser ensinadas e aprendidas. Isto, pois as capacitações realizadas com as mulheres participantes do projeto buscam estimular a autonomia destas, permitindo que elas identifiquem as oportunidades de negócio. Em especial, trata-se de uma iniciativa que busca desenvolver estratégias de governança para as mulheres do campo a partir da articulação de diferentes atores, tais como: sociedade, universidade, poder público e órgãos de fomento.

Premand *et al.* (2016) reforçam a ideia da formação empreendedora para capacitar jovens e adultos, desenvolvendo as competências necessárias para criar seus próprios empregos. Também Moura, Cielo e Schmidt (2012) apontam que o ensino de empreendedorismo foca no desenvolvimento das habilidades do empreendedor, buscando formar indivíduos capazes de alcançar sucesso em suas iniciativas.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nessa sessão serão abordados aspectos voltados para a formação empreendedora e o empreendedorismo feminino no contexto rural.

2.1 Formação empreendedora

A evolução da educação empreendedora está ligada ao reconhecimento crescente do empreendedorismo, importante para o desenvolvimento econômico. Vilas Boas e Nascimento (2020) destacam que, embora o empreendedorismo tenha surgido como tema de pesquisa na década de 1940, apenas nos últimos anos que a educação empreendedora se consolidou como um campo de estudo, o que incorporou o empreendedorismo às grades acadêmicas, particularmente no ensino superior.

Além da consolidação do empreendedorismo como campo de estudo, outro ponto relevante, conforme indicado por Vilas Boas e Nascimento (2020), foi o crescimento das pesquisas sobre educação empreendedora, de modo que os estudos diversificaram as abordagens teóricas e metodológicas. Esse crescimento pode ser visto como uma crescente demanda por uma educação que prepare os alunos para o um mercado de trabalho mais dinâmico e competitivo.

As metodologias ativas são fundamentais no ensino do empreendedorismo, pois proporcionam experiências práticas aos alunos, que simulam as situações reais no mercado de trabalho. Moura, Cielo e Schmidt (2012) destacam que elas não apenas facilitam absorção de conhecimento com estudos de caso, simulações e desenvolvimento de planos de negócios, mas promovem habilidades para o crescimento empresarial, como a criatividade, pensamento crítico e capacidade de trabalhar em equipe.

O crescimento da formação empreendedora é destacado pela capacidade de preparar os indivíduos a identificar oportunidades e transformar novas ideias em negócios viáveis. Dornelas (2001) contrasta a crença que apenas “perfis natos” podem ter sucesso como empreendedores, mas que o empreendedorismo pode ser ensinado. Essa percepção permitiu o reconhecimento da necessidade de programas educacionais voltados ao empreendedorismo, inserindo disciplinas de empreendedorismo em grades nos ensinos básico e superior. Lima *et al.* (2014, p. 14) afirmam que:

No relatório do Estudo GUESSS Brasil de 2011, traçamos o histórico da educação em empreendedorismo (EE) nas IES brasileiras. Desde 1981, quando houve a oferta da primeira disciplina na área, até hoje, a demanda e a oferta de EE cresceram. Aquele relatório registrou como muito frequente a oferta de disciplinas sobre a elaboração de plano de negócios assim como uma elevada demanda por elas vinda de 81,4% dos estudantes respondentes daquela edição do estudo.

Schaefer e Minello (2020) destacam que, embora a demanda pela educação empreendedora tenha crescido, a quantidade de programas ainda é limitada, o que impede um maior número de estudantes. Os autores complementam ainda a necessidade do aumento da variedade e acessibilidade dos cursos oferecidos para uma preparação adequada dos alunos para o mercado de trabalho.

Visto que a formação empreendedora capacita os indivíduos a identificarem oportunidades, inovar e gerenciar negócios, o Quadro 1 ilustra diferenças entre o ensino tradicional e o aprendizado empreendedor.

Quadro 1 – Ensino tradicional e aprendizado empreendedor

Convencional	Empreendedor
Ênfase no conteúdo, que é visto como meta.	Ênfase no processo; aprender a aprender.
Conduzido e dominado pelo instrutor.	Apropriação do aprendizado pelo participante.
O instrutor repassa o conhecimento.	O instrutor como facilitador e educador; participantes geram conhecimento.
Aquisição de informações “corretas”, de uma vez por todas.	O que se sabe pode mudar.
Curículos e sessões fortemente programados.	Sessões flexíveis e voltadas a necessidades.
Objetivos do ensino impostos.	Objetivos do aprendizado negociados.
Prioridade para o desempenho.	Prioridade para a auto-imagem geradora do desempenho.
Rejeição ao desenvolvimento de conjecturas e pensamento divergente.	Conjecturas e pensamento divergentes vistos como parte do processo criativo.
Ênfase no pensamento analítico e linear parte esquerda do cérebro.	Envolvimento de todo o cérebro; aumento da racionalidade do cérebro esquerdo através de estratégias holísticas, não-lineares, intuitivas; ênfase na confluência e fusão dos dois processos.
Conhecimento teórico e abstrato.	Conhecimento teórico amplamente complementado por experimentos na sala de aula e fora dela.
Resistência à influência da comunidade.	Encorajamento à influência da comunidade.
Ênfase no mundo exterior; experiência interior considerada imprópria ao ambiente escolar.	Experiência interior é contexto para o aprendizado; sentimentos incorporados à ação.
Educação encarada como necessidade social durante certo período, para firmar habilidades mínimas para um determinado papel.	Educação vista como processo que dura toda a vida, relacionado apenas tangencialmente com a escola.
Erros não são aceitos.	Erros como fonte de conhecimento.
O conhecimento é o elo entre aluno e professor.	Relacionamento humano entre professores e alunos é de fundamental importância.

Fonte: adaptado de Dolabela (1999).

Enquanto o ensino tradicional foca na transmissão do conteúdo e no modo linear de informações, o aprendizado empreendedor valoriza o processo de aprender a aprender, a autonomia e a aplicação prática do conhecimento.

A influência das capacitações empreendedoras demonstra a preferência dos estudantes em relação à vontade de empreender. Para esse objetivo ser atingido, é necessário que os

indivíduos aprimorem suas habilidades de percepção e discernimento, a fim de identificar possíveis deficiências existentes, contribuindo para o processo socioeconômico de seu entorno (Nogami; Medeiros; Faia, 2015).

Schaefer e Minello (2020) apontam que, sem a formação contínua dos docentes, pode haver um prejuízo na qualidade do ensino empreendedor, comprometendo o desenvolvimento das competências empreendedoras dos alunos, limitando o impacto que os programas podem ter.

2.2 Empreendedorismo e formação feminina no contexto rural

A participação feminina no setor agrícola brasileiro é influenciada por fatores socioeconômicos e culturais, que, historicamente, têm moldado as relações de gênero no campo. Cielo, Wenningkamp e Schmidt (2014) discutem diversos elementos que influenciam a inserção feminina no agronegócio, como a distribuição das propriedades rurais, o nível de educação e o número de filhos. A limitação das mulheres em comparação aos homens está relacionada à estrutura patriarcal e a divisão de trabalho, que conservam a ideia de desigualdade de gênero nas áreas rurais (Oliveira, 2024).

Diante do cenário de desigualdade, o empreendedorismo feminino emergiu para oferecer novas oportunidades e dissipar as estruturas tradicionais impostas. Assim, o turismo rural, se destaca como um segmento que contribui, não apenas como inserção econômica, mas também para a valorização e reconhecimento do papel das mulheres no desenvolvimento sustentável.

De acordo com um estudo realizado no Oeste Catarinense por Maia, Gielda e Maia (2019), as mulheres enfrentavam diversos desafios, como a falta de recursos e investimentos enquanto desempenhavam suas atividades rurais. Entretanto, as autoras demonstraram que elas possuíam características empreendedoras fundamentais, incluindo persistência, busca de informações e redes de contato, o que lhes permitia manter a motivação pela continuidade dos negócios familiares e pela busca de novas condições de vida. Ademais, o estudo da International Labour Organization (2019) reforça que as mulheres enfrentam desigualdades relacionadas ao trabalho não remunerado, ao cuidado da casa e da família, bem como ao acesso limitado à educação, serviços de saúde e serviços financeiros.

Por ser um espaço heterogêneo, o meio rural brasileiro é marcado por contradições sociais, uma delas, refere-se ao tratamento desigual dado a homens e mulheres de diferentes idades, sejam idosos, adultos, jovens ou crianças. O estudo realizado por Wammes (2024) evidencia a histórica divisão sexual do trabalho na agricultura, com desigualdades tanto em relações familiares quanto ao ambiente de trabalho, o que as posiciona em uma condição de inferioridade, como mulheres e trabalhadoras rurais. Lubina *et al.* (2020) afirmam que:

As mulheres têm sido agentes de mudanças sociais nas décadas recentes da história, devido a atitudes proativas, reflexivas e críticas às adversidades estruturais conservadoras, que se acentuam no preconceito de gênero das tradições sociais.

Essas iniciativas femininas empreendedoras contribuíram não apenas para o fortalecimento econômico da região, mas também para o desenvolvimento pessoal e social das mulheres envolvidas.

Outro aspecto ressaltado por Biesdorf, Schmidt e Cielo (2024) são os impactos diretos no fortalecimento da capacidade de gestão e liderança que as formações empreendedoras geram

às mulheres. Quando se sentem motivadas a empreender, elas contribuem para a diversificação da economia local, a preservação da cultura e o fortalecimento da comunidade.

O perfil das mulheres empreendedoras é um aspecto a ser considerado, em termos de idade e escolaridade. Segundo dados dos relatórios da Global Entrepreneurship Monitor (GEM) de 2016 e 2023, a participação feminina tem se tornado mais aparente no empreendedorismo no Brasil ao longo dos anos.

Observa-se, na Tabela 1, uma pequena variação na participação das mulheres empreendedoras nas diferentes faixas etárias, entre os anos de 2016 e 2023. Em 2016, com 35% de participação estava o grupo de 35-44 anos, já em 2023, a faixa predominante era de 25-34 anos com 33%. Essa mudança indica um aumento de interesse das mulheres mais jovens em iniciar seus negócios.

Tabela 1 - Perfil das Mulheres Empreendedoras por Faixa Etária e Escolaridade

Faixa Etária	2016	2023
18-24	12%	10%
25-34	30%	33%
35-44	35%	32%
45-54	15%	17%
55-64	8%	8%
Escolaridade	2016	2023
Fundamental incompleto	6%	5%
Médio completo	48%	51%
Superior completo	21%	25%
Pós-graduação	9%	10%
Sem informação	16%	9%

Fonte: as autoras, adaptado de GEM 2016 e 2023.

Em relação ao nível de escolaridade, a diferença entre os anos obteve aspectos positivos. Em 2016, 21% possuíam ensino superior completos e 9% pós-graduação, números que cresceram para 25% e 10%, respectivamente, em 2023. Em paralelo, percebe-se a redução na participação de mulheres com ensino fundamental incompleto, de 6% em 2016 para 5% em 2023. O aumento do nível educacional reflete em uma tendência de maior qualificação entre as empreendedoras, relacionando em uma gestão mais profissionalizada e sustentável dos negócios. A mudança no perfil de escolaridade aponta para a importância de programas de capacitação e incentivo ao empreendedorismo voltados para mulheres com menor escolaridade.

Assim, a educação empreendedora é uma estratégia relevante para promover o desenvolvimento no meio rural. Lopes *et al.* (2022) destacam que a Educação Empreendedora fornece suporte que articula a cooperação entre universidades, governos e setor privado para apoiar as mulheres empreendedoras, com a disponibilização de recursos educacionais, estruturas de suporte e acesso a *networking* que auxiliam a passar por barreiras estruturais e desenvolver o negócio com mais eficiência.

Dessa maneira, programas de fortalecimento às mulheres, como o “Empoderando Mulheres do Campo”, se beneficiam de uma estrutura organizada e articulada, por meio da utilização de abordagens que promovem o empoderamento econômico, a transformação social e a integração de mulheres em papéis de liderança e protagonismo (Schaefer; Minello, 2020).

Para o fortalecimento da formação empreendedora às mulheres no contexto rural é necessário também, a utilização de metodologias adaptadas às suas realidades e necessidades específicas. Schaefer e Minello (2020) defendem que as práticas pedagógicas ativas, a aprendizagem contextual e a resolução de problemas, preparam as mulheres para os desafios

do mercado e o crescimento de sucesso nos empreendimentos. Além disso, a implementação de políticas públicas é fundamental para assegurar o suporte necessário para o incentivo ao empreendedorismo, para se tornarem protagonistas em suas comunidades e alcançarem autonomia econômica (Maia *et al.*, 2019).

A capacitação de mulheres no contexto rural não deve limitar-se ao fornecimento de conhecimento técnico, deve ser construída uma base que integre o desenvolvimento pessoal, autoestima e criação de redes de apoio mútuo, dessa maneira, as mulheres estarão mais preparadas a enfrentar adversidades e transformar suas iniciativas em fontes de renda (Biesdorf; Schmidt; Cielo, 2024). A formação empreendedora deve ser vista como um processo contínuo de aprendizado, o que permite o posicionamento das participantes como agentes de mudanças em suas realidades.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo utiliza uma abordagem qualitativa-quantitativa, de cunho descritivo, com a técnica de estudo de caso, para proporcionar uma compreensão detalhada dos efeitos das capacitações oferecidas pelo Projeto Empoderando Mulheres do Campo.

A pesquisa foi realizada com as mulheres envolvidas em empreendimentos de turismo rural em seis municípios da Microrregião de Toledo, no Oeste do Paraná e que são participantes do referido projeto. A coleta de dados foi realizada entre fevereiro e março de 2024, aplicando-se um questionário *online* via plataforma *Google Forms* a todas as participantes da formação empreendedora oferecida pelo Projeto “Empoderando Mulheres do Campo: capacitação para gestão e liderança em empreendimentos de turismo rural”. Foram contatadas 20 mulheres para a coleta do questionário, sendo que todas responderam.

O questionário contém 17 questões, divididas em três tópicos: perfil, formação empreendedora e contribuições, conforme Quadro 2. As informações coletadas se referem ao perfil das empreendedoras e a percepção delas sobre as capacitações e o empreendimento em que atuam ou planejam atuar na área rural.

Quadro 2 – Questionário realizado com as empreendedoras

Perfil	Questões
Idade	
Cidade	
Formação	() Ensino Fundamental Completo () Ensino Fundamental Incompleto () Ensino Médio Completo () Ensino Médio Completo () Ensino Superior Completo () Ensino Superior Completo () Pós-Graduação
Possui empreendimento de turismo rural ativo?	() Sim () Não Se sim, qual?
Você acredita que:	() qualquer pessoa pode se tornar um empreendedor a partir do ensino do empreendedorismo () o ser humano nasce com o dom de empreender () ambas as opções

Formação empreendedora	Questões
Dentre as técnicas, métodos e recursos pedagógicos citados a seguir, quais deles foram utilizados durante as capacitações?	() Aulas expositivas () Visitas e contatos com empresas () Criação de empresa () Plano de negócios () Estudos de casos () Trabalhos teóricos em grupos () Trabalhos práticos em grupos () Grupos de discussão () Criação de produto () Brainstorming (nuvem de ideias) () Sugestão de leituras () Incubadoras () Aplicação de provas dissertativas () Jogos de empresas e simulações () Atendimento individualizado () Seminários e palestras com empreendedores () Trabalhos teóricos individuais () Trabalhos práticos individuais () Competição de plano de negócios
Dentre as alternativas acima, quais delas você acredita que mais sejam importantes para o aprendizado sobre empreendedorismo?	
Você acredita que o ensino do empreendedorismo contribui para o andamento eficiente dos empreendimentos?	
Contribuições	Questões
Qual é uma vantagem que a formação empreendedora pode trazer para mulheres do turismo rural?	a) Aumentar a renda familiar b) Melhorar a qualidade de vida c) Promover a competição saudável entre os empreendimentos d) Aumentar o tempo de lazer e) Ajudar a manter as tradições culturais f) Outro
Qual desses, na sua opinião, é o desafio mais enfrentado pelas mulheres do turismo rural que a formação empreendedora pode ajudar a superar?	a) Acessibilidade a recursos financeiros b) Falta de interesse em empreender c) Escassez de oportunidades de trabalho d) Outro
Você considera que a capacitação foi um bom investimento de tempo?	() Sim () Não
Durante a participação na formação sentiu-se motivada para iniciar o seu próprio negócio/continuar empreendendo no turismo rural?	() Sim () Não
As capacitações atenderam às suas expectativas?	() Sim () Não
Por quê?	
Como você vê a sua gestão do empreendimento antes e depois das capacitações?	
Houve um avanço no seu empreendimento a partir dos aprendizados adquiridos no projeto?	() Sim () Não
Se sim, qual?	

Fonte: as autoras (2024).

Os dados coletados foram analisados de maneira descritiva, visando alcançar os objetivos do estudo: investigar o processo de capacitação realizado pelo projeto, identificando

as etapas e metodologias utilizadas; e avaliar a contribuição dessa formação empreendedora, conforme as percepções das mulheres participantes.

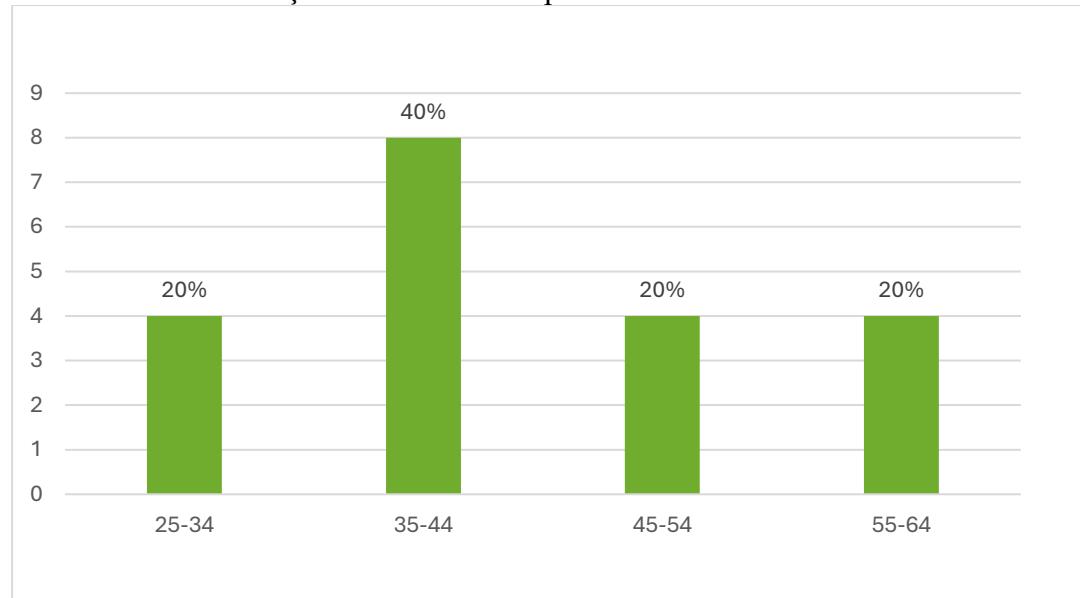
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Perfil das mulheres investigadas

Inicialmente buscou-se analisar o perfil das mulheres empreendedoras que participaram de uma formação voltada para o turismo rural sustentável. Essa formação tem como objetivo capacitar mulheres para desenvolverem e gerenciarem empreendimentos, promovendo o empoderamento feminino e a inclusão socio-econômica delas no meio rural.

Conforme apontado no Gráfico 1, a maior parte das mulheres investigadas está na faixa etária de 35 a 44 anos, representando 40% do total de participantes. Segundo Biesdorf, Schmidt e Cielo (2024), o fortalecimento das capacidades de liderança e gestão oferecidas por programas de capacitação tem incentivado esse grupo a buscar novas oportunidades no empreendedorismo rural.

Gráfico 1 – Distribuição de idade das empreendedoras



Fonte: dados da pesquisa (2024).

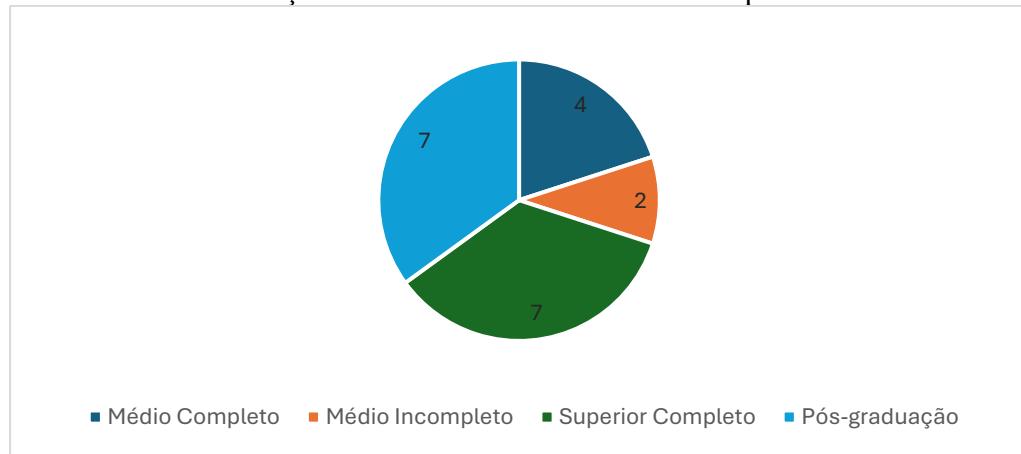
As demais faixas etárias apresentam distribuição equivalente, com 20% das empreendedoras situadas entre 25 e 34 anos, 45 e 54 anos e 55 e 64 anos. O percentual significativo de mulheres entre 25 e 34 anos sugere um crescimento da participação de jovens empreendedoras que, conforme Vilas Boas e Nascimento (2020), têm sido beneficiadas por políticas educacionais voltadas ao empreendedorismo nas universidades. A presença de mulheres nas faixas de 45 a 54 anos e 55 a 64 anos reforça que o empreendedorismo rural é uma alternativa viável para diferentes momentos da vida profissional, permitindo a inserção ou reinserção produtiva dessas mulheres no mercado. A diversidade etária evidenciada no Gráfico 1 demonstra que o empreendedorismo rural não está restrito a um único perfil, mas contempla mulheres de diferentes idades e experiências. Conforme observado por Schaefer e Minello

(2020), a educação empreendedora desempenha um papel fundamental ao oferecer ferramentas que possibilitam a inserção e o fortalecimento dessas mulheres no setor produtivo.

O projeto de extensão contou com a participação de mulheres de diferentes cidades da microrregião de Toledo, abrangendo uma variedade de realidades e experiências. As cidades envolvidas foram Quatro Pontes, Marechal Cândido Rondon, Toledo, Palotina, Cascavel, Tupassi e Ouro Verde do Oeste. Cada uma dessas localidades trouxe suas particularidades e desafios, mas também contribuiu com a força e a determinação das mulheres que, ao longo do projeto, se uniram com o objetivo de fortalecer a participação feminina em diversos âmbitos da sociedade. O envolvimento dessas cidades no projeto reflete a diversidade e o impacto positivo da iniciativa nas comunidades da região.

O Gráfico 2, a seguir, apresenta a distribuição da formação das mulheres investigadas. Observa-se que 35% das participantes possuem ensino superior completo e outras 35% possuem pós-graduação. Esses dados reforçam a tendência destacada por Schaefer e Minello (2020), que indicam que o aumento da escolaridade está diretamente ligado ao sucesso no empreendedorismo. A qualificação elevada das participantes indica que a educação é um fator que contribui com a profissionalização e a sustentabilidade de seus empreendimentos.

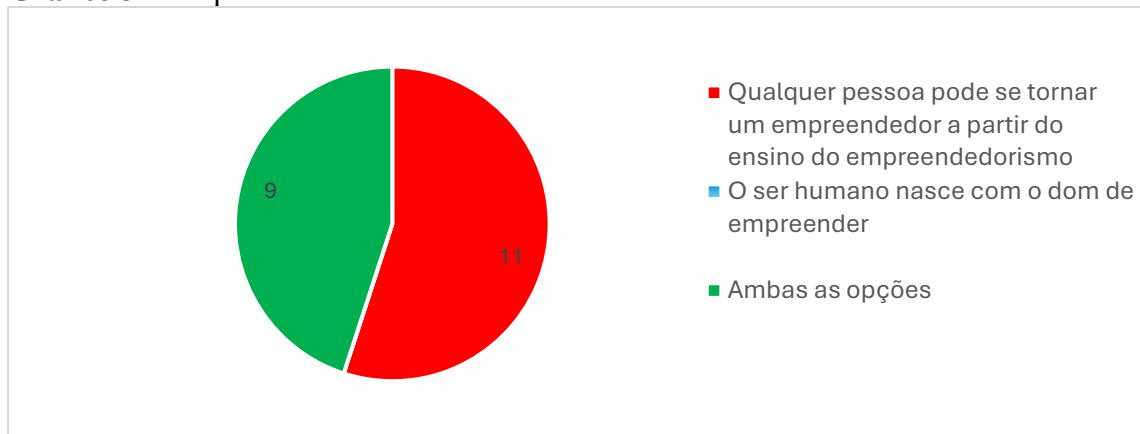
Gráfico 2 – Distribuição do nível de escolaridade das empreendedoras



Fonte: dados da pesquisa (2024).

Os dados apresentados no Gráfico 2 mostram um alto nível de escolaridade entre as participantes, o que está alinhado com as tendências observadas no relatório GEM (2023). Houve um aumento da participação de mulheres com ensino superior e pós-graduação no empreendedorismo, o que sugere uma relação positiva entre a qualificação acadêmica e o sucesso nos negócios, conforme discutido por Vilas Boas e Nascimento (2020).

O Gráfico 3 mostra as respostas das empreendedoras sobre a natureza do empreendedorismo: se acreditam que qualquer pessoa pode se tornar empreendedora com o ensino adequado ou se o empreendedorismo é um talento recebido de forma nata. Dentre as entrevistadas, 11 optaram pela afirmação de que qualquer pessoa pode aprender a empreender, enquanto nove (09) indicaram que ambas as possibilidades são válidas. Notavelmente, nenhuma empreendedora afirmou que o empreendedorismo é exclusivamente um dom natural.

Gráfico 3 – Empreendedorismo: habilidade natural ou construída

Fonte: dados da pesquisa (2024).

No estudo de Biesdorf, Schmidt e Cielo (2024), as autoras destacam que a educação empreendedora é fundamental para capacitar mulheres no turismo rural, promovendo inserção e diversidade no setor. Elas enfatizam que programas de formação desenvolvem competências essenciais para o sucesso empresarial, desmistificando a ideia de que apenas indivíduos com talento nato podem ser bem-sucedidos.

Dornelas (2001) desmistifica a ideia de que apenas pessoas com talento nato podem ser bem-sucedidas, encorajando mais indivíduos a empreender e a superarem obstáculos culturais e sociais. Ao acreditar no aprendizado contínuo, os empreendedores tendem a buscar novas informações e a se adaptar às mudanças do mercado, promovendo a inovação em seus negócios. Essa mentalidade fortalece a resiliência, levando-os a persistirem diante de desafios e a aprimorarem suas capacidades ao longo do tempo.

Quadro 3 – Áreas de atuação dos empreendimentos de turismo rural

Agroindústria de pimentas	Locação para camping e eventos
Café rural	Museu de objetos antigos
Cachoeiras e bosques	Pesqueiro
Day Use (com piscina, café rural, luau e piquenique)	Produção de plantas e flores
Espaço para ensaios fotográficos	Trilha ecológica
Gastronomia local	Vinícola
Hospedagem rural	Queijaria
Lavandário	

Fonte: dados da pesquisa (2024).

Observa-se uma ampla variedade de produtos e serviços oferecidos pelas mulheres pesquisadas, as quais têm se destacado como gestoras e líderes desses empreendimentos, ampliando as oportunidades de novas experiências para elas, suas famílias e visitantes. Além disso, vários empreendimentos contribuem de forma efetiva para a geração de renda dessas famílias, para a manutenção dos filhos no campo e ainda, contribuem para a segurança alimentar de todos os envolvidos.

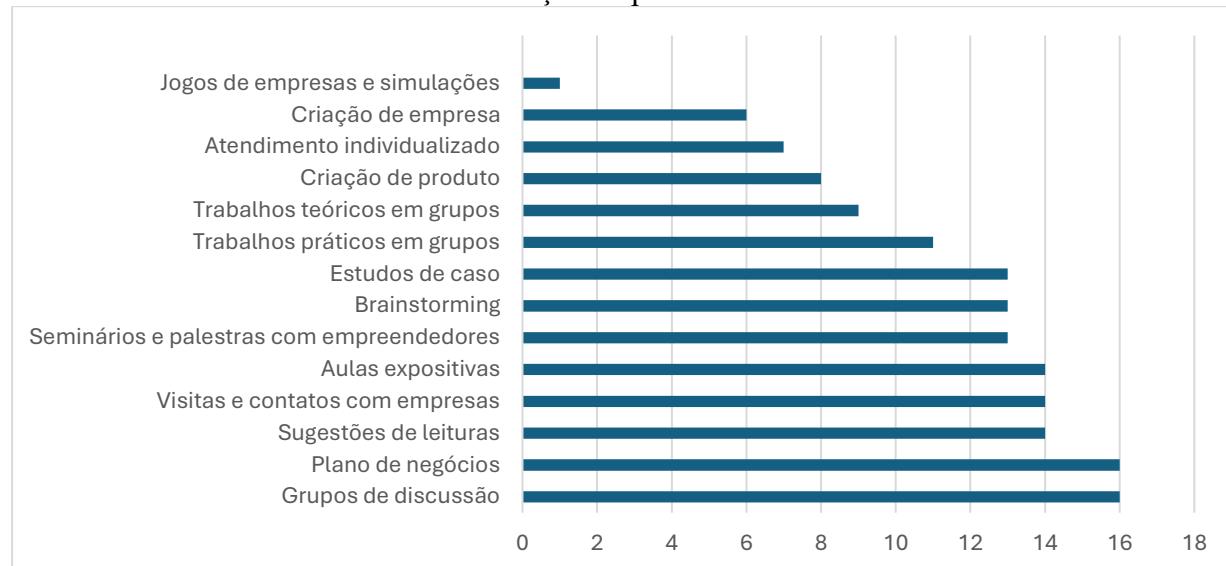
Algumas empreendedoras ainda não deram início ao negócio próprio por questões pessoais ou estão em busca de mais conhecimento para aprimorar suas habilidades empreendedoras.

4.2 A Formação empreendedora desenvolvida

O desenvolvimento da formação empreendedora é uma ferramenta fundamental na capacitação de indivíduos. Os estudos da *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM) mostram que a capacitação empreendedora é um fator que influencia no empoderamento feminino e na formação de negócios sustentáveis.

Em relação à formação empreendedora oferecida na Projeto da Unioeste, as participantes foram indagadas sobre os métodos aplicados durante as capacitações.

Gráfico 4 – Métodos utilizados na formação empreendedora



Fonte: dados da pesquisa (2024).

Conforme indicado pelas participantes, 14 métodos/técnicas distintas foram utilizados pelos professores. Percebe-se em destaque Grupos de discussão e Plano de negócios, técnicas que elas consideraram mais utilizados. Por meio dos métodos de ensinos aplicados, as empreendedoras observaram, de forma prática e realista, o funcionamento de um empreendimento. Conforme afirmado por Lopes (2010), a metodologia deve preparar os discentes para situações reais, e nesse sentido, o curso alcançou o objetivo de incluir atividades como grupos de discussão, visitas a empresas, estudos de casos e desenvolvimento de planos de negócios.

A formação também cumpriu um papel importante no desenvolvimento de competências essenciais para o empreendedorismo. Lima *et al.* (2015) destacam a importância da educação empreendedora para a geração de oportunidades e a construção do pensamento crítico e responsabilidade. Nesse aspecto, as participantes relataram a mudança na forma de gerenciar seus negócios, afirmando que se tornaram mais confiantes na tomada de decisões.

Dentre os métodos dispostos no Gráfico 4, as participantes puderam responder quais os mais importantes para o aprendizado sobre o empreendedorismo, no ponto de vista delas. Sendo assim, os métodos com mais destaque são Plano de Negócios e Contato com Empresas, como é demonstrado na Figura 1.

Figura 1 – Métodos mais importantes para o aprendizado do empreendedorismo



Fonte: dados da pesquisa (2024).

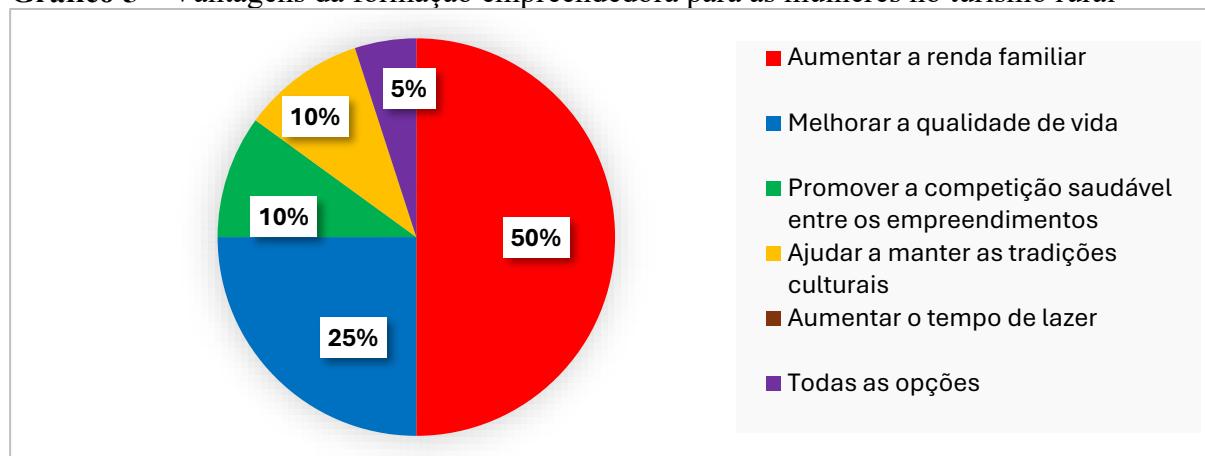
A análise da nuvem de palavras (Figura 1) mostra que os métodos mais destacados pelas participantes estão diretamente alinhados aos resultados positivos do projeto. Essas ferramentas foram essenciais para melhorar a gestão dos empreendimentos, a tomada de decisões e a autoconfiança das mulheres.

Assim, entende-se que o projeto “Empoderando Mulheres do Campo”, foi além de uma transferência de conhecimentos técnicos, pois inspirou as mulheres a buscar novos objetivos e se posicionarem como líderes em suas famílias, propriedades e comunidades. Como mostrado por Lima *et al.* (2015), a capacitação auxiliou as mulheres na superação de desafios e na construção de um olhar para o futuro de seus empreendimentos rurais. Os resultados indicam que o programa de capacitação empreendedora para as mulheres do campo tem potencial de gerar impactos positivos e de transformação social.

4.3 Contribuição da formação

A contribuição da formação empreendedora para as participantes foi positiva, conforme indicado pelas respostas coletadas no questionário. Esse resultado está alinhado com Schaefer e Minello (2020), que apontam sobre o impacto da educação empreendedora no desenvolvimento de competências e na preparação para o mercado de trabalho.

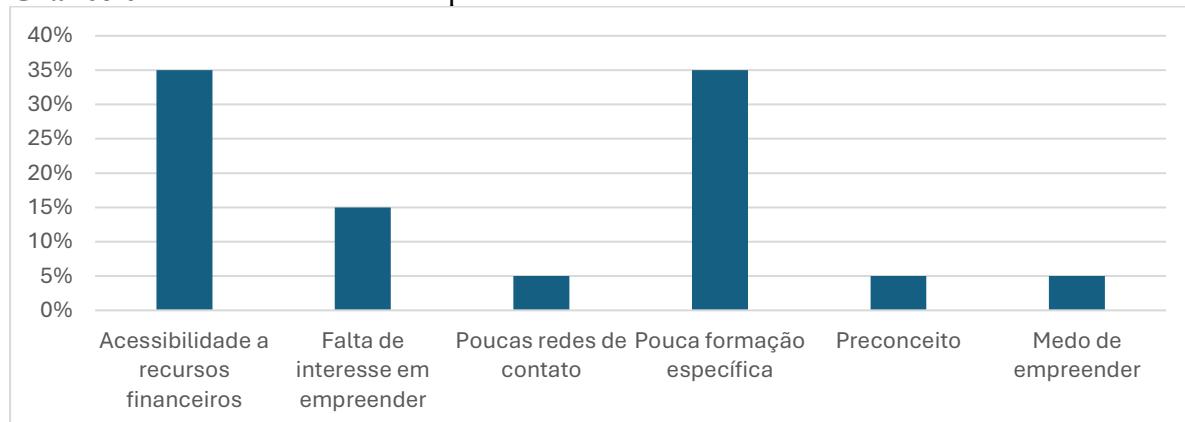
Uma das questões do questionário buscou entender qual a maior vantagem que a formação empreendedora trouxe para as mulheres no turismo rural, como é representado no Gráfico 5.

Gráfico 5 – Vantagens da formação empreendedora para as mulheres no turismo rural

Fonte: dados da pesquisa (2024).

De acordo com os dados, 50% das participantes apontaram que a maior vantagem é o aumento da renda familiar, o que reflete na expectativa das participantes, proporcionando uma melhoria significativa na situação financeira. Maia, Gielda e Maia (2019) destacam que o empreendedorismo feminino no meio rural contribui para o fortalecimento econômico da região e na melhoria das condições de vida das famílias. A melhora na qualidade de vida foi apontada por 25% das participantes, o que sugere que, além do econômico, muitas veem a capacitação como uma forma de melhorar seu bem-estar pessoal, com maiores oportunidade de crescimento e realização.

Em contrapartida, há também desafios que as mulheres enfrentam na gestão e criação de negócios na área de turismo rural. Como demonstrado no Gráfico 6, 35% das mulheres responderam que as maiores dificuldades são a acessibilidade a recursos financeiros e a baixa qualificação em áreas específicas, como gestão. Esse dado valida a importância de programas de capacitação que incluem estratégias de capacitação e gestão financeira. O estudo de Schaefer e Minello (2020) já refletia sobre a necessidade dos cursos oferecidos ampliarem a variedade e acessibilidade, para uma preparação adequada para o mercado de trabalho.

Gráfico 6 – Desafios enfrentados pelas mulheres do turismo rural

Fonte: dados da pesquisa (2024).

Outros 15% das respostas mostraram a falta de interesse em empreender. O dado destaca que a necessidade de capacitações não são apenas técnicas, mas também motivacionais, para estimular o empreendedorismo no meio rural. Lopes *et al.* (2022) destacam a importância dos ecossistemas de educação empreendedora que além do suporte teórico, ofereçam também incentivos a motivação para a cooperação entre universidades, governos e setor privado.

Poucas redes de contato, preconceito e medo de empreender são desafios apresentados por 15% das respondentes. Entende-se que a formação empreendedora pode diminuir esse estigma ao promover um ambiente de apoio, *networking* e ao fortalecer a confiança das mulheres. Biesdorf, Schmidt e Cielo (2024) ressaltam o impacto da capacitação no fortalecimento da capacidade de gestão e liderança das mulheres, contribuindo para a superação de barreiras estruturais e sociais.

Na sequência, quando investigadas sobre o tempo investido nas capacitações, 100% das empreendedoras consideraram que a capacitação foi um bom investimento de tempo. A mesma porcentagem sentiu-se motivada para iniciar/continuar empreendendo no turismo rural. Nogami, Medeiros e Faia (2015) afirmam a influência das capacitações empreendedoras como preferência dos estudantes em relação à vontade de empreender, o que contribui para o processo socioeconômico ao seu entorno.

No Quadro 3 são apresentadas algumas respostas sobre se as capacitações atenderam às expectativas das participantes. De modo geral, 95% das respostas indicam uma percepção favorável sobre as temáticas e os conhecimentos adquiridos. Contudo, há melhorias possíveis a serem trabalhados no programa de capacitação. Nesse sentido, Schaefer e Minello (2020) apontam sobre a importância da formação contínua dos docentes e a adaptação das metodologias às necessidades específicas das mulheres no contexto rural.

Quadro 3 - Percepções das participantes sobre as expectativas em relação às capacitações

“Em todos os encontros aprendi coisas novas. ... as aulas foram proveitosa e bem didáticas para realmente colocar em prática todos os ensinamentos.” (Respondente 01)

“Tivemos um conjunto de aprendizado desde a formação de um produto até como atingir nosso cliente em potencial, aprendemos também como gerir tudo isso e também a precificar nosso produto.” (Respondente 09)

“Motivou a melhorar o meu empreendimento para receber as visitas e fazer mais vendas.” (Respondente 13)

“Me deixou mais capacitada para enfrentar as dificuldades do dia a dia.” (Respondente 20)

Fonte: dados da pesquisa (2024).

Em relação à visão da gestão do empreendimento, as participantes foram indagadas sobre como era antes e como está depois das capacitações. Muitas perceberam que melhoraram seus atendimentos, conseguiram se estruturar melhor e outras afirmaram estar com ideias aflorando. O Quadro 4 mostra alguns comentários feitos.

Quadro 4 - Percepções das participantes antes e depois das capacitações

“Preciso planejar muito bem antes de dar o próximo passo. Não fazer nada sem avaliar os prós e os contras de cada ação a ser executada.” (Respondente 04)

“Melhorou a minha organização com a gestão do meu negócio, otimizando as vendas e maximizando os lucros.” (Respondente 11)

“Hoje percebo que tenho um potencial muito grande que antes não tinha percebido.” (Respondente 18)

“Me auxiliou principalmente na parte financeira. De analisar melhor as situações.” (Respondente 19)

Fonte: dados da pesquisa (2024).

As capacitações não só aprimoraram as competências técnicas das participantes, mas também fortaleceram sua autoconfiança, o que permite decisões mais estratégicas e

impulsionando o crescimento de seus empreendimentos. Biesdorf, Schmidt e Cielo (2024) defendem que a capacitação de mulheres deve integrar o desenvolvimento pessoal, autoestima e criação de redes de apoio, preparando-as para enfrentar adversidades e transformar suas iniciativas em fontes de renda e progresso em suas comunidades.

Quando questionadas sobre o avanço no empreendimento a partir dos resultados adquiridos no projeto, 65% afirmaram que tiveram avanços. Em geral, as participantes relataram melhorias na aquisição de recursos financeiros, investimentos em infraestrutura e organização da gestão, resultando em aumento de vendas e retorno financeiro. Outras mulheres mencionaram maior visão de trabalho, exploração de novos mercados, melhoria no atendimento ao cliente e identificação de oportunidades.

Os dados reforçam a necessidade contínua de formação empreendedora adaptada às necessidades específicas das mulheres no contexto rural. Conforme Schaefer e Minello (2020) e Lopes *et al.* (2022), a criação de ecossistemas de educação empreendedora e a implementação de políticas públicas asseguram o suporte e incentivam o empreendedorismo feminino, permitindo que se tornem protagonistas em suas comunidades e alcancem autonomia financeira. Além disso, essas iniciativas que fomentam o empoderamento de mulheres do campo contribuem para a manutenção dos filhos e das famílias no meio rural, para a implementação e/ou geração de renda familiar e ainda, para a produção de alimentos e segurança alimentar das famílias e envolvidos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivos investigar o processo de capacitação empreendedora oferecido pelo Projeto "Empoderando Mulheres do Campo" e avaliar a contribuição dessa formação para o desenvolvimento do perfil empreendedor das participantes.

Pelo exposto, entende-se que a capacitação proporcionou às mulheres participantes uma melhoria significativa em suas habilidades de gestão e liderança, contribuindo diretamente para a profissionalização de seus empreendimentos no setor de turismo rural. Muitas participantes relataram melhorias na organização de seus negócios, na otimização das vendas e no aumento da autoconfiança para tomar decisões estratégicas. Além disso, as participantes afirmaram que a capacitação ajudou a criar empreendimentos com andamento eficiente.

Em relação à contribuição para a diversificação da economia local, a formação empreendedora também se mostrou eficaz. As participantes desenvolveram empreendimentos em diversas áreas do turismo rural, como agroindústria, lavandário, ecoturismo, entre outros, gerando novas oportunidades de trabalho e renda. Esse resultado salienta a ideia de que o empreendedorismo feminino pode atuar no desenvolvimento econômico e sustentável nas comunidades rurais. De modo geral, entende-se que iniciativas que fomentam o empoderamento de mulheres do campo contribuem de forma efetiva para a geração de renda dessas famílias, para a manutenção dos filhos no campo e ainda, para a segurança alimentar de todos os envolvidos.

A pesquisa revelou ainda que as empreendedoras não apenas melhoraram seu perfil profissional, mas também se sentiram mais empoderadas e confiantes em sua capacidade de liderar seus negócios, contribuindo para a valorização das mulheres no contexto rural. Entretanto, algumas barreiras ainda persistem, tais como a acessibilidade a recursos financeiros e a baixa qualificação (em áreas específicas), que continuam a ser desafios enfrentados por muitas participantes, conforme destacado no questionário. Esses dados indicam a necessidade

de uma continuidade nas capacitações, investigações e apoio contínuo para superar essas limitações.

REFERÊNCIAS

BIESDORF, P.; SCHMIDT, C. M.; CIELO, I.D. A contribuição da formação empreendedora para mulheres do segmento de turismo rural. In: **Anais do XXIV Encontro Regional de Secretariado e XXXV Semana Acadêmica de Secretariado Executivo**. Toledo - PR, UNIOESTE, 2024.

CALIL, Y. C. D.; RIBERA, L. **Brazil's Agricultural Production and Its Potential as Global Food Supplier**. 2019. Disponível em: <https://www.choicesmagazine.org/choices-magazine/theme-articles/the-agricultural-production-potential-of-latin-american-implications-for-global-food-supply-and-trade/brazils-agricultural-production-and-its-potential-as-global-food-supplier>. Acesso em 29 jul. 2024.

CIELO, I. D.; WENNINGKAMP, K.; SCHMIDT, C. A Participação Feminina no Agronegócio: O Caso da Coopavel – Cooperativa Agroindustrial de Cascavel. **Revista Capital Científico**, v. 12, n.1, 2014.

DOLABELA, F. **Oficina do empreendedor**. São Paulo: Cultura, 1999. p. 116.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo**: transformando ideias em negócios. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

INTERNATIONAL LABOUR ORGANIZATION. **Empowering women in the rural economy**. 2019. Disponível em: <https://www.ilo.org/publications/empowering-women-rural-economy>. Acesso em 24 jul. 2024.

GEM - Global Entrepreneurship Monitor. **O Empreendedorismo no Brasil. 2016**. Curitiba: IBPQ/SEBRAE, 2017.

GEM - Global Entrepreneurship Monitor. **O Empreendedorismo no Brasil. 2023**. ANEGEPE; SEBRAE, 2024.

LAMAS, F. M. **A evolução da agricultura do Brasil**. 2023. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/81665485/artigo---a-evolucao-da-agricultura-do-brasil>. Acesso em 29 jul. 2024.

LIMA, E., NASSIF, V. M. J., LOPES, R. M. A., SILVA, D. Educação Superior em Empreendedorismo e Intenções Empreendedoras dos Estudantes – **Relatório do Estudo GUESSS Brasil 2013-2014**. Grupo APOE – Grupo de Estudo sobre Administração de Pequenas Organizações e Empreendedorismo, PPGA-UNINOVE. Caderno de pesquisa, n. 2014-03. São Paulo: Grupo APOE. 2014.

LIMA, E.; LOPES, R. M. A.; NASSIF, V. M. J.; SILVA, D. Ser seu Próprio Patrão? Aperfeiçoando-se a educação superior em empreendedorismo. **Revista de Administração Contemporânea**, v.19, n.4, 2015.

LOPES, R. M. A. **Educação empreendedora**: conceitos, modelos e práticas. São Paulo: Elsevier; SEBRAE, 2010.

LOPES, D. P. T; SILVA, S. A. DA; ALMEIDA, C. M. DE; MARTINS, L. G. R. (2022). Analisando um ecossistema de educação empreendedora, a partir da experiência de uma instituição pública brasileira. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v.10, n.3, 2018.

LUBINA, A.; GALVÃO, B. DE O.; OLIVEIRA, G. DE; KSZAN, G. A.; TAIOK, J. M.; GONZAGA, C. A. M.; MACOHON, E. R. Competências empreendedoras de mulheres: estudo de caso em treinamento de empreendedorismo como extensão universitária. **Revista Conexão UEPG**, v. 16, n.1, 2020.

MAIA, F. S.; GIELDA, J. J.; MAIA, T. S. T. Empreendedorismo feminino na produção rural: um estudo no oeste catarinense. **Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo**, v. 4, Edição Especial: Facetas do Empreendedorismo, p. 186-231, set, 2019.

MOURA, P. S. de; CIELO, I. D.; SCHMIDT, C. M. Formação empreendedora: uma análise nos cursos de secretariado executivo. **Secretariado Executivo em Revista**, Passo Fundo, v. 7, 2012.

NOGAMI, V. K. C.; MEDEIROS, J.; FAIA, V. S. Análise da evolução da atividade empreendedora no Brasil de acordo com o Global Entrepreneurship Monitor (GEM) entre os anos de 2000 e 2013. **REGEPE Entrepreneurship and Small Business Journal**, v. 3, n.3, 31–76, 2015.

OLIVEIRA, G. de S. Turismo rural: empreendedorismo e sustentabilidade. **Conexão Ciência**. 2024. Disponível em: https://conexaociencia.com.br/turismo-rural-empreendedorismo-e-sustentabilidade/?fbclid=PAAaaZvVfIV9z4QsE22WmjJ3f9Db0AqCv_JDUEHxUf0vG8. Acesso em 02 set. 2024.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Nações Unidas Brasil**. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/4>. Acesso em 15 nov. 2024.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Nações Unidas Brasil**. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/5>. Acesso em 16 dez. 2024.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Nações Unidas Brasil**. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/10>. Acesso em 15 nov. 2024.

PREMAND, P.; BRODMANN, S.; ALMEIDA, R.; GRUN, R.; BAROUNI, M. Entrepreneurship education and entry into self-employment among university graduates. **World Development**, v. 77, 2016.



SCHAEFER, R.; MINELLO, I. F. Desafios contemporâneos da educação empreendedora: novas práticas pedagógicas e novos papéis de alunos e docentes. **Revista da Micro e Pequena Empresa**, v. 14, n. 3, p. 134-149, dez. 2020.

VILAS BOAS, E. P.; NASCIMENTO, F. A evolução das publicações sobre educação empreendedora: uma análise a partir da bibliometria. **Revista da Micro e Pequena Empresa**, v. 14, n. 2, p. 23-43, jan. 2021.

WAMMES, L. T. **Deixadas, Largadas, Separadas ou Renascidas:** a trajetória de mulheres rurais que passaram por um processo de separação conjugal. 2024. 83 f. Projeto de Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Pato Branco, 2024.

Recebido em: 15/04/2025

Aprovado em: 27/06/2025

